

“Sou um animal em surto de poesia”: o Outro e o Devaneio Poético em Geraldo Carneiro

Leonardo Vicente Vivaldo

Universidade Estadual Paulista Araraquara/UNESP

Resumo:

A concepção da criação, em sentido amplo, confunde-se com o poder da Palavra e, sobretudo, com a figura do poeta-demiurgo – o que denunciaria uma relação profunda entre o ritual poético e a resistência deste perante a realidade prosaica do mundo (sobretudo do desencantado mundo moderno-contemporâneo). Esta crise iniciada pelo fazer poético, necessariamente, parece misturar criador e criatura, poeta e poesia, permitindo uma busca pela identidade e que passaria pela figura do Outro (ou da *outridade*, segundo o poeta e crítico mexicano Octávio Paz). Criação; palavra; ritual; o eu e outro: tudo faz parte do *Devaneio poético* (Gaston Bachelard) e que comporia a comunhão cósmica do imaginário do poeta – e, para nós, especialmente o imaginário da poesia de Geraldo Carneiro (infinito mar de assonâncias e ressonâncias pela essência da própria poesia e do próprio poeta).

Palavras-chave: Poesia brasileira contemporânea. Outro. Devaneio. Geraldo Carneiro.

Abstract:

The concept of creation in a broad sense is confused with the power of the Word and above all with the figure of the poet-demiurge, which betrays a profound relationship between the poetic ritual and its resistance to the prosaic reality of the world (especially the disenchanting modern-contemporary world). The crisis initiated by the poetic process seems necessarily to mix creator and creation, poet and poetry, which allows for a search for identity and which occurs through the figure of the Other (or of *otherness*, according to the Mexican poet and critic Octávio Paz). Creation, word, ritual, the Other and I: all is part of the *poetics of reverie* (Gaston Bachelard) that comprises the cosmic communion of the imaginary of the poet—and, for us, especially the imaginary of the poetry of Geraldo Carneiro (which is full of assonance and resonance for the essence of his own poetry and for himself).

Keywords: Contemporary Brazilian Poetry. Other. Reverie. Geraldo Carneiro.

sou um animal em surto de poesia
 devoto das revoltas do lirismo
 essa loucura que nos foi legada
 por clandestinação e patrimônio.

(CARNEIRO, 2010, p. 166).

I

O ato criador e por extensão a ideia de Deus, do Demiurgo, relacionando-se diretamente ou indiretamente com a figura do Poeta, *construtor* de uma realidade particular/universal, perde-se no tempo. De toda maneira, é através desta relação que surge a Palavra: fundamento do mundo real ou poético – mas ambos indissociáveis. É como afirma, de certa forma, o poeta e crítico mexicano Octávio Paz: “O mundo do homem é o mundo do sentido (...) Tudo é linguagem” (PAZ, 1982, p. 23). Somos enquanto reescrevemos o mundo a nossa volta. Nossa essência está empenhada de sentido.

Portanto, a Palavra, confundida com o próprio criador e o ato de criar, diminuidora da lacuna entre o humano e o divino, é o meio por onde vemos a instituição do sentido para este mesmo homem e para o mundo que o cerca. Na característica primordial de Orfeu, o poeta por excelência – que pela sedução do canto a tudo e a todos enfeitiçava; no poder cosmogônico de Hesíodo; e mesmo na observação por Platão da natureza ambígua da linguagem (*phármakon*); desde o início, a *palavra*, como ser fundante, *possui poder*.

Posteriormente, tal herança pode ser observável, por exemplo, também no imaginário cristão¹. No *Evangelho de João* “No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus” (1:1). Ou mesmo na primeira tarefa de Adão, no livro do *Gênesis*, após a sua criação. Recém-criado, ele deve nomear a todos os animais: “Havendo, pois, o *Senhor* Deus formado da terra todo o animal do campo, e toda a ave dos céus, os trouxeram a Adão, para este ver como lhes chamaria; e tudo o que Adão chamou a toda a alma vivente, isso foi o seu nome” (2:19). Nota-se como a palavra encarna-se em Deus – inclusive, ‘literalmente’, noutra passagem do mesmo Evangelho: “E o Verbo se fez Carne” (1:14). Não existe, portanto, distinção entre a sua existência e a existência do Criador. Curiosamente, ou não, o primeiro homem (Adão), feito à imagem e semelhança de Deus, reafirma o ato criador: nomeia os animais – e assim se distingue desses – como a ele foi nomeado, ou criado. Mas para existir é preciso não só um nome (por conseguinte, Palavra/Verbo/Deus). É preciso reencarnar e reproduzir este nome. Reparti-lo e recriá-lo, mais uma vez. Tornar-se Deus. E encarnando em sua Palavra a Palavra do Criador, o homem encontra o verdadeiro espelho onde refletir-se. Adão, embora de maneira bem menos eminente, ao seu modo, também responde ao protótipo poético fundador.

Mas, em resumo, em diferentes culturas, o poeta sempre foi o que transita pelas aragens do sagrado: portador da verdade e adivinho do mundo, ele é aquele que

divulgando o que se oculta nas profundidades do tempo, o poeta revela na própria forma do hino, da encantação e do oráculo, uma verdade essencial que tem o duplo caráter de um mistério religioso e de uma doutrina de sabedoria [...]. A visão divinatória do poeta inspirado coloca-se sob o signo da deusa Mnemosyne, Memória, mãe das musas... (VERNANT, 1992, p. 360-1).

1. Este imaginário nos interessa diretamente devido às inúmeras referências a ele – além da íntima relação com Dante Alighieri – na poesia de Geraldo Carneiro.

Modulador do tempo e senhor da memória, o poeta reconstrói a ponte entre os mistérios humanos e religiosos. Contudo, no mundo moderno-contemporâneo, visto através do desencantamento de Max Weber (na intelectualização e racionalização crescente, feita pelo domínio vazio e matemático de todas as coisas); ou mesmo na análise do mundo líquido de Zygmunt Bauman (onde nada aparenta ser feito para durar e as relações se misturam e se condensam em laços momentâneos, fluidos, frágeis e volúveis); tudo parece absorver o homem para um planejado e eterno presente de si mesmo. Presente inócuo que impossibilita cada vez mais a comunhão com a execução do ritual poético enquanto retorno a uma visão mais transcendental da existência – origem do próprio eu e da percepção do outro (nomeador ou nomeado).

Estranhamente, tal ritual poético, que é o retorno a um “Aqui primordial” e transcendente do próprio ser da poesia (mergulho no tempo: passado, presente e futuro) enfrenta a resistência de um aqui autônomo e mecânico, afogado em si mesmo – preso às correntes do maquinário da técnica estéril e pobre da massificação (a ‘arte pela arte’ tornou-se a ‘mercadoria pela mercadoria’). A transitoriedade e a efemeridade sentida por Baudelaire não só agora emoldura a sociedade e os indivíduos dentro dela, mas dá-lhe as tinturas e os rabiscos do seu tempo. E é, na verdade, também, o próprio pintor a pintar a multidão e a si mesmo. Perdido no simulacro e afastando-se da própria vida, ele olha para o mundo todo por um espelho e não pelos seus olhos. Vê, assim, o reflexo do reflexo – *mise en abyme* fatal de nossa época (e a imagem, de Adão e do Criador, perdida, *ad aeternum*, neste jogo infinito).

Contudo, ainda sim, neste apocalipse de trivialidades e prosaísmos, o poeta sobrevive. Não sem sentir o golpe, é certo. Mas justamente por conta dele que o poeta resiste – resistência que começou quando o primeiro poema foi escrito/criado. Quando o próprio homem foi escrito/criado (biblicamente ou não).

A poesia, pois, sempre esteve em crise. E sempre estará. Ela é a própria crise, ruptura, divisão, do eu com o mundo – embora também a inserção e absorção do eu no mundo. Do estar no mundo (ou como Drummond encara, na Antologia organizada por ele mesmo, a meditação filosófica de parte de sua poesia: “Tentativa de exploração e de interpretação do estar-no-mundo” ANDRADE, 2002). O nascimento da poesia é fruto da crise do homem frente à “floresta de símbolos” que o cerca. É o momento decisivo na procura crucial da união cósmica dos símbolos e das coisas ao seu redor – *Krísis* (grego); *Crisis* (latim). Decisão, vida ou morte; poesia ou nada².

Nas palavras do poeta italiano Giacomo Leopardi, *via* Alfredo Bosi, “Tudo se aperfeiçoou de Homero em diante, mas não a poesia”. E certo, ainda no século XVIII para o XIX, Leopardi parece ter profetizado a poesia e o tempo que viria – ou que nunca partiu:

Tudo pode ser contemporâneo deste século, menos a poesia. Como pode o poeta adotar a linguagem e seguir as ideias e mostrar os costumes de uma geração para a qual a glória é uma fantasia, a liberdade e o amor da pátria não existem, o amor verdadeiro é uma puerilidade; em suma, onde as ilusões se esvaíram todas, e as paixões, não só as grandes e nobres e belas, mas todas as paixões se extinguíram? Um poeta, enquanto poeta, pode ser egoísta e metafísico? E o nosso século não é, tal e qual, no seu caráter? como, então, pode o poeta ser caracteristicamente contemporâneo enquanto poeta? (LEOPARDI, *apud* BOSI, 2000, p. 130).

Voltado apenas para si, o homem é ser cortado da comunidade – onde tudo é marcado pelo status, dinheiro e poder das instituições. Tamanho egoísmo, que gera a aversão ao outro, e afoga-se no eu, acaba gerando o contrário da poesia: que é comunhão, empatia e proximidade. Desta maneira, quando fala do ‘hoje’, ainda que presente em seu tempo (ideologizado), o poeta o faz fora dele: na memória infinita da linguagem, antiga e nova, revitalizando as dimensões míticas (BOSI).

2. A palavra grega *krísis* era usada pelos médicos antigos com um sentido particular. Quando o doente, depois de medicado, entrava em crise, era sinal de que haveria um desfecho: a cura ou a morte. Crise significa separação, decisão, definição. *Dicionário Etimológico*. Disponível em: <<http://www.dicionarioetimologico.com.br/crise/>>. Acesso em: 27 out. 2015.

O presente, o agora do mundo burguês, é masturbatório e incomunicável. Ultrapassa a ‘era da informação’ e intoxica-se da ‘era da desinformação’ – do acúmulo que não soma, apenas sufoca. O presente da poesia, ao contrário, reencontra não apenas o seu tempo, mas todos os tempos. É o Tempo. É expansivo, cíclico, até caótico, mas justamente porque caminha das idiossincrasias do eu para as idiossincrasias do outro. Comunga em suas palavras “a palavra da tribo” (Mallarmé) e decreta “*Je est un autre*” (Rimbaud).

Portanto, ao contrário do que poderia parecer, a poesia, hoje, não cala: grita, explode, para todos os lados (como sempre foi) – e a fragmentação que lhe parecia fraqueza, torna-se força. Eis a matéria da poesia: reconciliar os tempos e os contrários para mostrar que “só pertencemos ao tudo total” (CARNEIRO, 2010, p. 49).

II

Profusão de vozes e ritmos; marcha selvagem numa massa quase amorfa –grotesca e ao mesmo tempo sublime. O desfile de uma *Escola de Samba* é um movimento aleatório que, concomitantemente, destrói e reconstrói um Todo: cada indivíduo, assim como cada ala, por si só, arrastam-se de maneira ‘organizadamente alucinante’, entre rodopios e gritos orgásticos. Contudo, indivíduos e ala, são partes significativas de um Todo e, mais que isso, sobretudo em suas atitudes delirantes, ajudam a dar sentido a esse Todo – aliás, o Todo também só faz sentido perante a união aparentemente harmônica de tais fragmentos (voltaremos a isso).

A poesia de Geraldo Carneiro³ possui a sutileza explosiva de tal desfile carnavalesco na Sapucaí. Caótico mar de assonâncias e ressonâncias; imagens, batuques e temas; textos e intertextos – referências e autorreferências –, “Geraldinho Carneiro”, como é mais conhecido nos meios literários, parece surfar nas figuras de poetas e mitos que vão se atracando através da sua ‘nave língua’ que pode içar velas e retornar as mais improváveis praias – num movimento incontrolável. Como as marés. Deste modo, o fazer poético lhe sugere uma “procura da palavra mágica/ a contrassenha do apocalipse” (CARNEIRO, 2010, p. 298), (des)construtora de Tempos e Espaços, mas também organizadora, una, epifânica – poesia que se faz eco de terras primordiais e na força da palavra/língua, além da comunhão do eu e do outro. Como atesta o poema *a outra voz*:

a outra voz

não adianta, nada neste mundo
 pertence a ti, nem essa ínfima parte
 que te compete recifrar em arte.
 só é teu o circo das desilusões,
 o canto das sereias, o naufrágio
 no qual perdeu-se a vida, o rumo, a nave,
 a memória da ilha em que viveste
 o ato inaugural da tua odisseia.
 Penélope esgarçou-se em muitas faces,

3. O estudo da poesia e da poética de Geraldo Carneiro faz parte do meu atual projeto de Doutorado: *A Máquina do Mundo Requebrada: Poética, Metapoesia e Intertextualidade em Geraldo Carneiro*.

e mesmo a guerra, com seus alaridos,
só sobrevive nas versões dos bardos.
não há mais ilha, nem há mais princípio:
teu principado é só imaginário.

(CARNEIRO, 2010, p. 46).

Assim como na aparente contradição da expressão “contrassenha do apocalipse”, o poema se faz na “outra voz” – mas que voz? Do “eterno fingidor”? Do outro? Da própria poesia? Deste embate, o poeta, desgarrado deste mundo, renega até mesmo a “ínfima parte” que lhe cabe: o poema. Nada deste mundo insano e maldito incumbe ao poeta. A poesia, sua única e verdadeira Ítaca, é constantemente saqueada pela banalidade e “mercadologia” reinante. Mas a esta parte lhe compete “recifrar” em arte e não decifrar, pois a ele, poeta, pertence a criação do enigma e não a sua solução – a poesia é multiplicação de mundos e sentidos. De alguma forma a “contrassenha” vai sendo reestabelecida, pois, como afirma Bachelard, é através do poeta que

o mundo da palavra é renovado no seu principio. Pelo menos o verdadeiro poeta é bilíngue, não confunde a linguagem do significado com a linguagem poética. Traduzir de uma dessas línguas para outra não poderia passar de um pobre ofício (BACHELARD, 2006, p. 178-179).

Deixando a consciência de nossos pobres rascunhos de lado, mais uma vez: o poeta, ou a poesia, não pode decifrar, mas só recifrar, recolocar em signos, caóticos ou não, a realidade que, de alguma forma, sempre poética, o cerca. Como acrescenta noutro poema: “a língua me sugere seus enigmas,/o que me cabe é apenas recifrá-los/ como um decifrador a quem não fosse/ revelada a chave do código” (CARNEIRO, 2010, p. 63). Sendo assim, nem mesmo isso, o ato e poema, pertencem ao poeta: o homem que deitou a pena deixou de ser poeta (talvez para sempre – pensamento de Paul Valery) e todas as projeções e sentidos esperados pela língua explodem em sua boca e não mais lhe pertencem – os sentidos possíveis, infinitos, agora são de outrem. E talvez por isso mesmo nunca foram tão seus (do poeta).

O homem se derrama no ritmo, marca da sua temporalidade; o ritmo, por sua vez, se declara na imagem; e a imagem volta para o homem sempre que alguns lábios repetem o poema. Por obra do ritmo, repetição criadora, a imagem – feixe de sentidos rebeldes à explicação – se abre à participação. *A recitação poética é uma festa: uma comunhão. O poema se realiza na participação, que nada mais é que recriação do instante original.* Assim, a abordagem do poema nos leva a abordar a experiência poética (PAZ, 1982, p. 141, grifo nosso).

Toda sua vida e odisseia, de sereias e naufrágios, mas nunca de retorno até Ítaca, é a bússola do caos que arrasta a sua história – sua e de outros (outros textos e outros seres). É o rumo, a nave, a língua e o poema em si, que justificam o encontro: recriação do instante original e de todos os instantes. E, como também apresentado noutro poema, “a voz do mar”: “na nave língua em que me navego/ só me navego em nave sendo língua/ ou me navego em língua, nave e ave” (CARNEIRO, 2010, p. 45). O navegar do poeta só é possível sendo ele mesmo a própria língua, o próprio poema, o “próprio outro” – que alça velas e voos. Sendo ele a própria Palavra e o próprio ser Criado, mais uma vez, o verbo se faz carne. Assim, o percurso, confundido com o poema e o poema com a própria vida e a odisseia – memória do vivido; memória do lido – é onde tudo comunga, onde tudo retorna, até o princípio: origem da odisseia, da vida, do poema (propulsão de sentidos que se expandem e não se anulam como no mundo burguês).

E se o poeta, seu poema e sua memória, desfazem-se no escombros da lembrança repartida, assim também deve ser sua musa: Penélope fragmentada em muitas faces – outros amores? Outros poemas? – é o reflexo, fraturado, do próprio poeta (do eu; do outro). Mesmo a heroica travessia pelo campo de

batalha, a ‘bela morte’ homérica, sublime, embora sejam cantadas pelos bardos, sobrevivente já sem préstimos⁴. Distantes dos próprios feitos: versões entoadas só reforçam as imitações sobrescritas desde o desconfiado Platão. De tudo isso, conseqüentemente, já pouco importa a ilha ou o princípio...

Mas é justamente neste momento, no final do “*no return point*”, que o poema se perfaz através do ritual e do tempo, desmoronado, erguendo-se paralelo ao canto, pois para negar/navegar é preciso mais uma vez a voz, a palavra. A Palavra. É preciso valer-se da força da palavra e reafirmar a abolição das marcações temporais já que “nem há mais princípio”. Enfim, eis que o que verdadeiramente ‘resta’ é o reino poético, principiado imaginário original da poesia. Sim. Pouco importa a ilha ou o princípio, pois tudo é – nada foi ou será. Mais uma vez Bachelard:

No devaneio do poeta, o mundo é imaginado, diretamente imaginado. Tocamos aqui num dos paradoxos da imaginação: enquanto os pensadores que reconstroem um mundo percorrem um longo caminho de reflexão, a imagem cósmica é imediata. Ela nos dá o todo antes das partes. Em sua exuberância, ela acredita exprimir o todo do Todo. Contém o universo por um de seus signos. Uma única imagem invade todo o universo. Difunde por todo o universo a felicidade que sentimos ao habitar no próprio mundo dessa imagem (BACHELARD, p. 167, grifo nosso).

Reencontramos aqui as partes perdidas do hipotético desfile lançado lá atrás. Mas, desta vez, já perfeitamente amalgamado com o desfile poético de Carneiro: a imagem poética expressa no poema, re-verberada em cada verso ali presente, renegando e criando a palavra, o início e o fim do poema, a musa e a memória – fragmentada, esquecida; mas reorganizada; rememorada. Resistência.

Entretanto, é justamente por tudo isso que essas mesmas imagens lhe possuem. Esparsas, jogadas na página em branco, aos poucos as palavras remontam a sabedoria que todas já possuíam e, assim, são levadas a união do Todo – imagético e poético. Fronteira do real e do imaginário, o poema resgata a imaginação cósmica, devaneio único e primordial da poesia. Que “outra voz”? A mesma voz: a que nega e a que reafirma o poema e a criação. O espelho de novo reconstruído. E o poeta empunha novamente as suas armas. Pois que é o poeta sem suas armas⁵?

canção do exílio

o poeta sem sua plumagem
é um deus exilado do cosmo
strip-teaser metafísico
só lhe resta sambar no inferninho
do caos
sob os neons do nada
sempre nu diante do espelho
sem espelho diante de si

(CARNEIRO, 2010, p. 254).

4. Impossível não lembrar Drummond em “Elegia 1938” de *Sentimento do Mundo* – insuportavelmente atual: “Trabalhas sem alegria para um mundo caduco,/onde as formas e as ações não encerram nenhum exemplo” (DRUMMOND, 2012, p. 44).

5. Outra vez Drummond – mas desta vez em “A flor e a Náusea”, de *A rosa do povo*: “Melancolias, mercadorias espreitam-me./ Devo seguir até o enjoo?/ Posso, sem armas, revoltar-me?” (DRUMMOND, 2002, p. 118).

Nada. O poeta não é nada sem suas armas (com ou sem barões assinalados). É por isso que o poeta só se faz poeta enquanto circunscrito dentro do devaneio de sua linguagem. Mais: o poeta só encontra a fagulha, parcial/total, do divino quando pode dispor de seus artifícios: plumas e palavras. O poeta é a Palavra. Só assim, e só por isso, pode descobrir-se também Demiurgo e ser integrado no Todo cósmico do poético. Sem isso, *deus exilado*, forçado ao *strip-teaser* ontológico de seu ser e da sua linguagem, prostituído no meretrício da linguagem prosaica, cotidiana, perde-se no caos que agora não mais é aquele cosmogônico, fértil, mas o estéril, precursor do fim – do nada (absoluto e total). Do mundo mecânico e pragmático do mercado – que transforma a carne, que é verbo, também em mercadoria.

Perdido e destituído da linguagem, embora gozando, ou sambando do advir da queda, “grande lascivo” (Pandora para Brás Cubas), tal qual narciso, apaixona-se novamente pela própria imagem, embora esta aqui não mais exista. Está nu, sempre nu, de linguagem e sentido, quando sem a palavra: que lhe rouba a si e ao outro – espelho imaginário e ideal, como deve ser por dentro do poema, ainda que este não exista. Contudo

O ser não pode se apoiar em nada porque o nada é o seu fundamento. Assim não lhe resta outro recurso senão segurar-se em si, criar-se a cada instante [...] O homem é carência de ser mas é também conquista do ser. Essa é a sua condição: poder ser (PAZ, 1982, p. 187).

Perdido no absurdo do nada, destituído do reconhecimento de si e dos outros, sambando para si mesmo e para ninguém, a linguagem subexiste, através da negação que a poesia se permite surgir. Que o ser se permite surgir. Diz o poeta: “pra que serve o poeta? para nada/ sendo o nada parte fundamental dessa entidade de que é feito o tudo” (CARNEIRO, 2010, p. 67). Assim se conquista a possibilidade do ser – que é sempre “poder ser”. Nada. Tudo. Enfim: “O poeta revela o homem criando-o” (PAZ, 1982, p. 188).

E nesse nu artístico onde todos são fotografados (poesia e poeta – o espelho agora reflete a nós) temos o devaneio da queda e da linguagem que atira para todos os lados:

Por si só, o devaneio é uma instância psíquica que frequentemente se confunde com o sonho. Mas quando se trata de um devaneio poético, de um devaneio que frui não só de si próprio, mas que prepara para outras almas deleites poéticos, sabe-se que não se está mais diante das sonolências. O espírito pode chegar a um estado de calma, mas no devaneio poético a alma está de guarda, sem tensão, descansada e ativa. Para fazer um poema completo, bem estruturado, será preciso que o espírito o prefigure em projetos. Mas, para uma simples imagem poética, não há projeto, e não lhe é preciso mais que um movimento da alma. Numa imagem poética a alma acusa sua presença (BACHELARD, 1978, p. 187, grifo nosso).

O projeto crítico (de crise) da poesia, perpetuado desde sempre, em gérmen já na figura demiúrgica, encontra as arestas para perpassar a linguagem e imbuir o sopro da palavra na fragmentação e negação que lhe atordoa. Não conscientemente, em projeto, mas em alma, discute a sua dor particular, histórica, mas também dor individual e que abarca toda a dor original que a acompanhou desde sempre. A poesia enquanto poesia acusa sua presença, sua imagem, no fazer e no eco poético que atravessa o tempo. Poeta, eterno “fingidor”, antes e depois de Pessoa, agora também outorga a alcunha de “impostor” – na origem, aquele que cobra impostos, ou também aquele que impõe algo. Aqui, cobra sua marginalização frente ao mundo cronológico indiferente à poesia, embora imponha a sua própria taxa: outra vez, a própria poesia (e nunca conheceremos poeta que não sambe).

Portanto, o tempo, ainda que seja essa “máquina” que devora a tudo e todos, também é uma ficção, criado pelo utilitarismo humano (deslocado no mundo e no verso do poema) como a própria ficção do eu, ou melhor, daquele eu que só existe aquém da linguagem. O poeta, a poesia, a palavra, sente a passagem do tempo, mas não enquanto desgaste e, sim, enquanto retorno e ressignificação daquilo que realmente é o tempo: “círculo”. E não sozinho: “círculo de minha circunstância/ o espelho que não seja senão o outro”. Desta maneira, notamos como “todos têm o fito comum de nos transformar, de nos tornar ‘outros’. Daí que nos deem um novo nome, indicando assim que já somos outros – acabamos de nascer ou de renascer” (PAZ, 1982, p. 148). Se há o condensar de tudo, também há o do eu e do outro: espelho em que se busca “senão o outro”, ente além de nós mesmos – nossa própria humanização, embora também a degradação inerente à carne (vislumbre da morte). O eu perdido entre o espelho (diante ou não de si) e o cotidiano é também o do observador obediente aos caprichos do próprio criador: o eu poético, repleto de espantos. O “outro”, nosso e alheio, é feito do espanto:

Assombro, estupefação, alegria, é muito rica a gama de sensações ante o Outro. Mas todas elas têm uma coisa em comum: o primeiro movimento do ânimo é ir para trás. O Outro nos repele: abismo, serpente, delícia, monstro belo e atroz. E essa repulsa é sucedida pelo movimento contrário: não conseguimos tirar os olhos da presença, e nos inclinamos para o fundo do precipício. Repulsa e fascinação. E depois, a vertigem: cair, perder-se, ser um com o Outro. [...] O precipitar-se no Outro se apresenta como uma volta a algo do qual fomos arrancados. Cessa a dualidade, estamos na outra margem. Já demos o salto mortal. Já nos reconciliamos com nós mesmos (PAZ, 1982, p. 160-161).

A “imagem e semelhança de Deus” é também a imagem e semelhança do outro – “outridade”, segundo Octavio Paz. Aquilo que nos repele, espanta, mas também nos convida e nos apresenta a condição original. A “graça que ultrapassa”, a criação e leitura do poema. Aquele “que não seja senão o outro” e “não sendo eu” são, de alguma forma, “algo que não é como nós, um ser que é também um não ser” (PAZ, 1982, p. 156), e justamente por isso reflete-se como nós, somos nós, somos todos, já que “o homem é um ser que não é mas que está sendo, um ser que nunca acaba de ser, não é um ser de desejos tanto quanto um desejo de ser?” (PAZ, 1982, p. 165). Processo infinito que se confunde na circunferência e “circunstância” do poema, poeta/poema/outro não-são e são um mesmo efeito da participação possível que o devaneio cósmico-poético do imaginário não apenas constrói, ou reconstrói, mas expande e intensifica. No microuniverso feito macrouniverso do demiurgo, que nunca deixa de habitar e espreitar a plenitude que nunca alcançaremos, nós também já estamos nela. E também já somos outros.

III

O poeta, “animal em surto de poesia” (CARNEIRO, 2010, p.166), é crente das revoltas de sentido oferecidas por essa matéria particular e universal que é a palavra poética e, por conseguinte, o devaneio, ou revelação, advinda desta. A paradoxal linguagem poética construída entre o salto – mortal e imortal – do ser sob/sobre o mundo é fundadora de sentido na medida em que se reafirma como possibilidade de criação de relações do eu/mundo/outro.

Imposição fundamental da própria poesia e do ser: “clandestinação”, pois coloca em crise o ser e o estar no mundo; “patrimônio”, pois é medida inerente à própria condição do ser, da necessidade do ser – busca de si, do outro e da linguagem (ambos infinitos e indissociáveis).

Relendo o poeta estudado e alguns dos teóricos apresentados, não nos pareceu sincera outra abordagem que não fosse o próprio equilibrar-se nesta corda-bamba das incertezas e dos paradoxos

da poesia e da linguagem (que sendo criada pelo homem, e sendo o próprio homem, não poderia ser outra coisa que não paradoxal).

Aliás, nos parece que não apenas a poesia deve transcender a realidade imediatista que nos cerca, mas também a maneira de abordá-la (prova maior aqui, evidentemente, são Gaston Bachelard e Octavio Paz). Perante a esmagadora lógica binária de nosso tempo, a resistência poética ergue-se através do símbolo da crise originária que sempre lhe fez companhia – retorquindo a sua permanência por meio da sua essência contraditória, portanto universal, e até mesmo da aparente negação.

Como um prestidigitador, o poeta nos apresenta a aridez da realidade perante a poesia e a esconde atrás de um pano de impossibilidades de inserção desta fina matéria do mundo (real e poético). Contudo, em seguida, na frente de nossos olhos, por detrás de nossa orelha, o poético e a poesia irrompem. Enormes. Já fazíamos parte do truque antes mesmo de nos levantarmos da cadeira. Eis o “circo das desilusões” a que alude o poeta – e, fim do número, a cartola engole o mágico (para que outra crise, noutro palco, seja invocada: e ele novamente se apresente).

A poesia de Geraldo Carneiro, como já dito, é uma explosão de referências, próprias e alheias. Labirinto de espelhos ainda inexplorado pela academia, ao mesmo tempo em que isso nos afasta – pela falta de estudos e dada complexidade da obra que se apresenta –, também nos aproxima – e pelos mesmos motivos.

Com certeza este trabalho, sempre marcado pelo signo da pobreza perante o porto em que se atraca (lição fundamental), também deve ser entendido como um devaneio do outro (no caso, de nós mesmos). Contudo, ainda sim, nos parece ser o início de um norte que nos fez vislumbrar um pouco melhor a poesia de Geraldo Carneiro – sobre o signo do devaneio/revelação do poético que dali emana.

E não procurando uma conclusão que não seja a abertura de possibilidades, melhor o fim pelo princípio do próprio poeta – que é o criador da eterna resistência da palavra em devaneio que procura a si e ao outro: espelho. O “tal total”:

o tal total

o amor é o tal total que move o mundo
a tal totalidade tautológica,
o como somos: nossos cromossomos
nos quais nunca se pertenceu ao nada:
só pertencemos ao tudo total
que nos absorve e sorve as nossas águas
e as nossas mágoas ficam revoando
como se revoltadas ao princípio,
àquele princípio originário
onde era Orfeu, onde era Prometeu,
e continua sendo sempre lá
o caís, o never more, o nunca mais,
o tal do és pó e ao pó retornarás

(CARNEIRO, 2010, p. 59).

Referências:

- ANDRADE, C. D. de. *Antologia poética*. 51ª ed. Organização Carlos Drummond de Andrade. Prefácio de Marcos Lucchesi. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- _____. *Sentimento do Mundo*. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- _____. *Poesia Completa*. Fixação de textos e notas de Gilberto Mendonça Teles. Introdução de Silviano Santiago. Rio de Janeiro: Aguilar, 2002.
- BASTIDE, R. As duas fontes da Poesia. In: *Poetas do Brasil*. São Paulo: EdUSP; Duas Cidades, 1997. p. 133 – 141.
- BAUMAN, Z. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- BAUMAN, Z. *Tempos líquidos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- BACHELARD, G. Devaneio e Cosmos (partes I a IV). In: *A poética do devaneio*. Tradução de Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2006. p. 165 – 182.
- BAUDELAIRE, C. *O pintor da vida moderna*. Concepção e organização Jerônimo Dufilho e Tomaz Tadeu; tradução e notas Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.
- BÍBLIA SAGRADA. Disponível em: <<https://www.bibliaonline.com.br>>. Acesso em: 20 out. 2015.
- BOSI, A. *O ser o e tempo da poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- BRUNEL, P. (Org.). *Dicionário de mitos literários*. Tradução de Carlos Sussekind *et al.* 4ª ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 2005.
- CARNEIRO, G. *Poemas reunidos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: Fundação da Biblioteca Nacional, 2010.
- DERRIDA, J. *A Farmácia de Platão*. Tradução Rogério da Costa. São Paulo: Iluminuras, 2005.
- GAZZINELLI, G. G. (Org. e trad.). *Fragmentos órficos*. Belo Horizonte: UFMG, 2007.
- JESI, F. *Literatura y mito*. Ed. Barral, Barcelona, 1972.
- SAMOYAULT, T. *A intertextualidade: memória da literatura*. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2008.
- PAZ, O. *O Arco e a Lira*. Tradução de Olga Savary. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1982.
- _____. *Signos em rotação*. Tradução Sebastião Uchoa Leite. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- PIRES, A. D. *Perfis de Orfeu na poesia brasileira recente*. Disponível em: <<http://periodicos.ufes.br/contexto/article/view/8243/5860>>. Acesso em: 21 outubro. 2015.
- VERNANT, J. *Mito e religião na Grécia Antiga*. Tradução de Constança Marcondes Cesar. Campinas: Papirus, 1992.

Recebido em 15/09/2016
Aprovado em 24/10/2016